

NARRATIVAS DE IDADISMO CONTRA PESSOAS IDOSAS EM TEMPO DE PANDEMIA DA COVID-19.

NARRATIVES OF AGEISM AGAINST OLDER PEOPLE DURING THE COVID-19 PANDEMIC TIME.

NARRATIVAS DE EDADISMO CONTRA LAS PERSONAS MAYORES EN LA PANDEMIA DEL COVID-19.

Maria Weila Coêlho Almeida¹
Leides Barroso Azevedo Moura²

Resumo

A pesquisa teve como objetivo compreender os discursos de pessoas idosas que vivem no Distrito Federal em relação ao isolamento social durante a pandemia de Covid-19 (2021-2022). O foco deste estudo foram as narrativas que descrevem as diferentes dimensões do idadismo vivenciadas no cotidiano. Utilizamos uma abordagem qualitativa e a Técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), com base nos pressupostos teóricos das Representações Sociais e do idadismo. Os dados foram coletados ao longo dos anos de 2021 e 2022, envolvendo 230 participantes cadastrados nas atividades promovidas pelo Sesc DF. Os resultados revelam que 26,9% dos entrevistados relataram ter sofrido alguma forma de idadismo. Quatro DSC destacam narrativas que evidenciam atitudes idadistas e violações dos direitos das pessoas idosas. Como conclusão, enfatiza-se a importância de enfrentar tanto o idadismo individual quanto institucional e de adotar políticas e programas intergeracionais que promovam a inclusão social das pessoas idosas e educação em direitos humanos com novos conteúdos na representação das velhices.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Pessoa idosa. Envelhecimento. Violência. Representação Social.

Abstract

This research aimed to comprehend the discourses of older adults residing in the Federal District regarding social isolation during the COVID-19 pandemic (2021-2022). The study focused on narratives describing various dimensions of ageism experienced in everyday life. We utilized a qualitative approach and the Collective Subject Discourse (CSD) technique, grounded in the theoretical frameworks of Social Representations and Ageism. Data were collected throughout 2021 and 2022, involving 230 participants registered in activities organized by Sesc DF. The results reveal that 26.9% of the interviewees reported having experienced some form of ageism. Four CSDs highlight narratives that underscore ageist attitudes and violations of the rights of older adults. In conclusion, this study emphasizes the importance of addressing both individual and institutional ageism and adopting intergenerational policies and programs that promote the social inclusion of older adults and human rights education with new content in the representation of aging.

Keywords: Human Rights.. Olders People. Aging. Violence. Social Representation.

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo comprender los discursos de las personas mayores que residen en el Distrito Federal con respecto al aislamiento social durante la pandemia de COVID-19 (2021-2022). El estudio se centró en las narrativas que describen las diversas dimensiones del edadismo experimentadas en la vida cotidiana. Utilizamos

¹ Assistente Social. Mestra em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional - PPGDSCI/CEAM pela Universidade de Brasília – UnB. E-mail: weilaa159@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2253-3057>

² Pós Doutora pela Weill Medical College Cornell University. Professora Associada da Universidade de Brasília. E-mail: leidesm74@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1208-4569>

un enfoque cualitativo y la Técnica del Discurso del Sujeto Colectivo (DSC), basada en los marcos teóricos de las Representaciones Sociales y el Edadismo. Los datos se recopilaron a lo largo de 2021 y 2022, involucrando a 230 participantes registrados en actividades organizadas por el Sesc DF. Los resultados revelan que el 26,9% de los entrevistados informaron haber experimentado alguna forma de edadismo. Cuatro DSC resaltan narrativas que subrayan actitudes edadistas y violaciones de los derechos de las personas mayores. En conclusión, este estudio enfatiza la importancia de abordar tanto el edadismo individual como el institucional y de adoptar políticas y programas intergeneracionales que promuevan la inclusión social de las personas mayores y la educación en derechos humanos con nuevos contenidos en la representación del envejecimiento.

Palabras clave: Derechos humanos. Personas mayores. Envejecimiento. Violencia. Representación Social.

INTRODUÇÃO

A velhice é uma etapa da vida que ocorre de forma distinta entre os grupos populacionais. Existem diferentes formas de se conceituar a pessoa idosa, no entanto, para a Organização Mundial da Saúde - OMS (2005), a definição é baseada na idade cronológica que tem início aos 60 anos nos países em desenvolvimento e 65 anos nos países desenvolvidos.

Há de se ressaltar que o processo social do envelhecimento não atende somente ao critério especificamente biológico, mas reflete as condições objetivas e subjetivas caracterizadas pelas transformações ao longo do curso da vida das pessoas. O processo que ocorre na segunda metade da vida implica também em uma mudança na qual o indivíduo não está apenas com sua atenção direcionada para fora, mas para dentro de si mesmo, significando que nessa fase da vida, a maneira de pensar, de ver o mundo, a autoimagem e o autoconceito não se apoiam apenas na família e sociedade, mas também em um diálogo de si com o seu inconsciente (PANDINI, 2014; BEZERRA; NUNES; MOURA, 2021).

Contudo, a pandemia da Covid-19³ prejudicou o *modus operandi* relacional das pessoas, repercutindo com maior intensidade no cotidiano da população idosa em todas as dimensões da vida (ROMERO *et al.*, 2021), além de expor a fragilidade e o desmonte das políticas sociais contemporâneas brasileiras com o sub financiamento do Sistema Único de Saúde e do Sistema Único de Assistência Social e redução da rede de apoio para pessoas idosas (OPAS, 2022). Por outro lado:

Também nos permitiram testemunhar histórias de pessoas idosas exercendo múltiplos papéis em nossa sociedade, recriando e ampliando identidades, conectando com os saberes populares e os conhecimentos científicos, percebendo o autoconvite para se tornarem gestoras nas cidades e voluntárias nos territórios onde organizam movimentos

³ A Covid-19 é uma doença sistêmica associada à nova síndrome respiratória aguda grave do Coronavírus 2019, coronavírus-2 (SARS-CoV-2). A pandemia relacionada a esse vírus transformou a vida de bilhões de pessoas em todo o mundo (MILES; STEDMAN; HEALD, 2020).



de resistências e de inteligências múltiplas de sobrevivência no espaço urbano (MOURA e ALMEIDA, 2020).

Esta pesquisa teve como objetivo compreender os discursos de pessoas idosas moradoras do Distrito Federal sobre isolamento social no contexto da pandemia de Covid-19 (2021-2022). O foco do presente artigo são as narrativas que descrevem dimensões do idadismo no cotidiano de vida dos participantes. Estas foram captadas a partir da Técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e decifradas com apoio na Teoria das Representações Sociais (TRS) e nos pressupostos teóricos do idadismo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A TRS está vinculada às ciências sociais, sendo uma forma de conhecimento que surgiu com os estudos de Serge Moscovici (1961) para agregar às explicações sociais (CARVALHO; SILVA, 2021). As representações sociais e suas estruturas se desdobram nas dimensões figurativas e simbólicas as quais possuem os processos de objetificação e ancoragem essencialmente interligados. Assim, por objetificação entende-se o processo que transforma algo abstrato em algo concreto e por ancoragem, o processo que “permite compreender a forma como os elementos contribuem para exprimir e constituir as relações sociais”, conforme explica Moura (2009, p. 91).

Essas Representações que “circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas” (JODELET, 2001, p. 18). Dessa forma, no presente estudo, as representações sociais foram utilizadas como aporte interpretativo a fim de compreender as culturas presentes nos discursos das pessoas idosas.

O DSC possibilita ao entrevistado que fale e relate a sua experiência de vida. É uma resposta ao saber e à opinião da coletividade como representações coletivas ou sociais, hábitos, ideologias, crenças e sistemas simbólicos que podem ser vistas como matrizes discursivas existentes nas formações sociais, às quais os indivíduos se reportam, para emitirem seus juízos pessoais (LEFEVRE; LEFEVRE; MARQUES, 2009; MOURA; LEFEVRE; MOURA, 2012).

A coletividade é uma categoria sociológica, sendo a coletividade uma parte da soma de indivíduos. Esses indivíduos expressam suas opiniões pelo senso comum e a soma das opiniões dos indivíduos compõe um discurso da coletividade. A coletividade por sua vez, enfatiza a relação sujeito/meio e percebe que tudo se configura em espaços de aprendizagem repletos de possibilidades para o desenvolvimento social do ser humano, compreendendo a construção da



autonomia, a capacidade de conhecer o mundo e de nele atuar (LEFEVRE, 2021). É uma construção social que depende das relações que o homem estabelece com o meio sociocultural (OLIVEIRA, 2014).

Uma opinião é um parecer, uma avaliação, um posicionamento, um enunciado de crenças e valores de um indivíduo sobre um determinado tema. O dicionário de Filosofia (2022)⁴ exprime que na opinião, não há propriamente um saber, tampouco uma ignorância, mas um modo particular de asserção. Essa asserção está tanto mais próxima do saber quanto mais prováveis são as razões em que se apoia, uma possibilidade absoluta dessas razões faria coincidir a opinião com o verdadeiro conhecimento.

O DSC é uma forma de obter opiniões por meio de pesquisas, de modo que as opiniões possam ser expressadas. Consiste em realizar uma pesquisa com questões abertas, formuladas de tal forma que o entrevistado relate sua experiência de vida com o tema pesquisado. Assim, essa técnica consiste em expressar o depoimento de uma pessoa singular, mas são expressões coletivas do pensamento de um conjunto de indivíduos que experienciam uma realidade de modo semelhante.

O DSC é uma expressão individualizada do pensamento de uma coletividade, expressado em opiniões que incluem as dimensões qualitativa e quantitativa: qualitativa porque se trata de um discurso com conteúdo ampliado e diversificado; quantitativa na medida em que vários sujeitos contribuíram para a construção deste DSC (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006). Além disso, quatro operações compõe o DSC:

Expressões-chaves: descrevem os temas principais do discurso. São transcrições integrais de partes do depoimento; b) ideias centrais: síntese descritiva dos conteúdos enunciados nas expressões-chaves; c) ancoragens: Representações Sociais que foram explicitamente narradas nas expressões-chaves. As ancoragens podem ou não estar presentes nas expressões-chaves; d) Discurso do Sujeito Coletivo: conjunto das expressões-chaves organizadas segundo ideias centrais de significados semelhantes. É um discurso-síntese feito na primeira pessoa do singular (MOURA, LEFEVRE & MOURA 2012, p. 1027).

Assim, a técnica de análise do DSC é uma das formas de revelar uma representação social daquela identidade coletiva, devolvendo a voz para as pessoas idosas participantes do estudo e expressando as dominações presentes naquele grupo.

O argumento teórico que fundamenta o presente estudo também se baseia na perspectiva do idadismo. Robert Butler (1969) cunhou o termo idadismo e o caracterizou pelos estereótipos

⁴ (Dicionário de Filosofia, p. 539)



que geram preconceitos e discriminação contra pessoas idosas e (re)produzem narrativas culturais historicamente construídas na sociedade que produzem barreiras para a inserção, interação social e promoção da saúde colocando a pessoa idosa como um problema social.

A maneira como as pessoas pensam e percebem o envelhecer e a velhice produz impactos na saúde e determina a longevidade delas (LEVY, 2022). O idadismo é uma forma de violência que viola a dignidade humana, invisibiliza a pessoa idosa e produz sofrimento mental (ALVES, 2022), contribui para situações de isolamento social e solidão (BEZERRA; NUNES; MOURA, 2021), está associado a outras naturezas de violências contra pessoas idosas (MIKTON *et al.*, 2022) e afeta a governança das cidades (MOURA; MACIEL, 2020), sendo definida como estereótipo, preconceito e discriminação dirigida contra outros ou contra si mesmo com base na idade (OMS, 2021).

MÉTODOS

Este estudo, de natureza qualitativa, foi realizado com pessoas idosas moradoras do Distrito Federal que participaram de atividades virtuais do Sesc – DF durante a pandemia de Covid-19. A coleta de dados ocorreu entre os meses de abril de 2021 e março de 2022. Foram entrevistadas 230 das 960 pessoas idosas cadastradas pelo Sesc DF, as quais aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Para captação dos dados, utilizou-se a entrevista individual, com roteiro estruturado, com duração média de 35 minutos.

O *corpus* da pesquisa totalizou 203 depoimentos coletados em 230 questionários eletrônicos com *link* elaborado no *Google Forms*. Após agrupados em blocos, foram processados e analisados, resultando nos DSC. Assim, por intermédio da técnica do DSC, procedeu-se a organização das respostas segundo categorias temáticas. Para elaborar os DSC, identificou-se as “Expressões-Chaves” (EC), que consistiram em transcrições literais do discurso, revelando a essência dos depoimentos e as “Ideias Centrais” (IC) as quais descreveram por meio da expressão linguística, de forma fidedigna, o sentido de cada conjunto homogêneo de Expressões-Chaves. O DSC assume uma pessoa coletiva falando como um sujeito individual do discurso (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006; PEREIRA *et al.*, 2021).

Para a elaboração do DSC foram agregados fragmentos isolados de depoimentos que formaram um conjunto discursivo para que cada parte fosse reconhecida como constituinte de um todo e vice-versa. Quando uma resposta apresentou mais de um DSC, esta foi distinguida



das demais por critérios de diferença e antagonismo ou de complementaridade, obedecendo a uma coerência das ideias apresentadas. Além disso, foram eliminadas as repetições dos discursos individuais para a estruturação do DSC, possibilitando apresentar as narrativas de um coletivo.

O desenvolvimento do estudo atendeu as normas nacionais e internacionais de ética em pesquisa, envolvendo seres humanos de acordo com as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 43111021.0.0000.5540 e Parecer nº 4.626.400.

RESULTADOS

No que se refere às características sociodemográficas, das 230 pessoas idosas 90% dos participantes da presente pesquisa eram mulheres, idade mínima 60, idade média 70 e máxima 96 anos, 59,60% autodeclaravam-se de cor ou raça preta, 92,60% autoidentificavam-se como heterossexuais, 38,70% casados, 63,50% de religião católica, 32,60% possuíam o ensino médio completo e superior incompleto e 44,80% declararam renda de 04 a 10 salários mínimos. Em relação à descrição da experiência de idadismo, 66,10% relatam não ter passado por nenhum tipo de discriminação, no entanto, 33,90% revelaram já ter sofrido alguma discriminação na rua pela idade e 32,6% percebem que já foram ou são ignorados por causa da idade.

Dentre os 230 participantes da pesquisa um total de 203 (88%) responderam à pergunta: Quais foram os principais desafios/dificuldades/obstáculos para a interação social de pessoas idosas no contexto brasileiro da pandemia de Covid-19, uma vez que o isolamento social desse grupo etário apresenta potencial para se tornar um dos maiores problemas de saúde pública da sociedade contemporânea? Sendo identificadas 19 IC as quais sintetizaram o teor das EC nas falas das pessoas idosas. Essas IC geraram 19 DSC, dentre eles 4 enfocaram dimensões das vivências cotidianas de idadismo.

Dentre esses discursos, o idadismo praticado pelos jovens contra as pessoas idosas foi uma das categorias com maior predominância de EC, totalizando 52, ou seja, a prevalência de 25,62%. A seguir são apresentados na sua íntegra quatro DSC da presente pesquisa. Assim, a partir da análise das EC, foi possível elaborar o seguinte discurso síntese:

Ideia Central 1: idadismo praticado pelos jovens contra seu próprio futuro



“Os jovens acham que as pessoas idosas têm que ficar presas em casa cuidando dos netos, limpando a casa, limpando chão e assistindo TV ou fazendo crochê, costurando e não saindo toda hora, indo se encontrar com os amigos e se divertindo. Muitos jovens não têm paciência com as pessoas idosas e nem os tratam bem. Parece que eles acham que nunca irão envelhecer. Os jovens de hoje em dia acham que a gente não sabe de nada e que não entendemos as coisas. Alguns jovens criticam as pessoas idosas e os pensamentos deles. Não podemos nos expressar, pois eles acreditam que a gente não conhece nada das coisas. Muitos jovens ficam rindo dos erros que as pessoas idosas cometem ou debochando por algum aspecto deles. Acham que as pessoas idosas não são capazes de conversar ou interagir com eles. Existem muitos jovens que não respeitam as pessoas idosas, os jovens não pensam que irão envelhecer, esquecem que um dia também ficarão velhos e não pensam nessa fase importante da vida. Muitos jovens não têm paciência e esquecem que envelhecerão. Os jovens não entendem as pessoas idosas, eles não têm paciência para interagir com a gente, por isso acabamos procurando amizades da nossa idade. O desafio é que os jovens continuem tratando as pessoas idosas bem. Têm jovens que tem vergonha das pessoas idosas. Os jovens não querem se colocar no lugar das pessoas idosas para tentarem pensar como era no tempo deles. Eles não querem e não tem paciência para escutar as pessoas idosas. Muitos jovens rejeitam os mais jovens. A maioria da juventude são insolentes e mal-educados. Eles acham que não vão envelhecer e por isso desrespeitam e são irreverentes com as pessoas idosas. Os jovens precisam aceitar mais as pessoas idosas, muitas das vezes os jovens rejeitam as pessoas idosas. Acho que precisa se trabalhar mais a cabeça dos jovens com relação as pessoas idosas. As pessoas idosas costumam não interagir muito com os jovens por falta de interesse ou receio de não ser bem recebido. Têm muitos jovens que acham que tem o direito de nos tratar mal. Pôr a gente ter o cabelo branco, eles acham que a gente não sabe das coisas. O maior desafio é que os jovens consigam entender que nós pessoas idosas somos pessoas normais e que temos sentimentos, desejos, sonhos e merecemos respeito como todos os outros merecem. Não é por conta da nossa idade que nós não entendemos as coisas. As pessoas idosas não são valorizadas pelos mais jovens, são discriminados e não recebem atenção. As pessoas idosas são descartáveis. Os jovens dão atenção, mas descartam logo. A gente consegue perceber que eles tentam ter paciência e ter uma conversa com a gente, mas logo dão um



jeito de se esquivar. Os jovens não acham prazeroso ter uma conversa ou um contato com as pessoas idosas, mas quando precisam de alguma coisa lembram na hora da gente. Mesmo que os jovens não queiram mostrar esses sentimentos, nós pessoas idosas conseguimos perceber. A não aceitação das pessoas idosas pelos jovens seria uma dificuldade para a interação social. Muitos jovens não aceitam conversar com as pessoas idosas, se afastam quando as pessoas idosas chegam. Dá pra perceber que há certa resistência por parte de alguns jovens em relação as pessoas idosas. Alguns jovens acham que as pessoas idosas já estão tempo demais nessa terra e estão atrapalhando, por isso não aceitam suas opiniões. Os mais jovens não aceitam a fala das pessoas idosas, muitos não querem escutar as nossas histórias. Existe muita falta de paciência de nos ajudar, e alguns dão má resposta. Existe muita discriminação por parte dos demais por conta da nossa idade. Têm jovens que não querem saber de pessoas idosas, pois acham elas chatas. Os jovens consideram os mais velhos cafonas. Muitas pessoas falam com uma linguagem infantil com as pessoas idosas e até os 'bestializam' como se eles fossem crianças. Os mais jovens não querem saber dos mais velhos não. Às vezes os mais novos não gostam de dar atenção para os mais velhos. Maior desafio: Aceitação da história da pessoa idosa. Os jovens são muito intolerantes com os mais idosos. Os mais jovens querem ver a realidade do jeito deles, mas isso não impede ter uma conversa saudável. A principal dificuldade é que as pessoas idosas não têm o mesmo modo de pensar dos mais jovens e vice-versa e isso pode prejudicar um pouco a interação. Os jovens preferem ficar com os mais jovens e não com os mais velhos. Os mais novos às vezes tratam com desrespeito os mais idosos. Os mais jovens querem e acham que as pessoas idosas devem se adaptar a eles, sendo que deveria ser o contrário, já que os mais velhos têm mais experiência e merecem respeito. Às vezes eu sinto que os mais novos não dão muita atenção para os mais velhos. Eu já me senti desconfortável quando eu faço alguma pergunta e eles me ignoram. Muitas vezes eles nem respondem. Já me senti diminuída também quando eu falo alguma coisa errada, com erros de português e eles me corrigem, fazendo com que o meu astral diminua. Muitas pessoas idosas gostam de interagir com os mais jovens, porém alguns jovens não gostam. Algumas pessoas também não têm respeito com os mais velhos e tratam-nos com falta de educação e muitos os maltratam e fingem que eles não existem. Este pode ser um desafio para os mais jovens: repensar que sobre o envelhecimento para assim dar um tratamento melhor para nós pessoas idosas. Muitos jovens não dão atenção nenhuma para as pessoas



idosas, os celulares atrapalham muito essa interação. Quando têm muitos jovens reunidos em um grupo, as pessoas idosas costumam ser excluídos dos assuntos, parece que as pessoas idosas não têm o poder de opinião nem um lugar de fala. Eles ficam excluindo as pessoas idosas quando eles querem saber de algum assunto e os mais jovens não querem compartilhar o pensamento nem deixar as pessoas idosas se posicionarem. Os mais jovens não querem nem escutar alguma experiência ou vivência das pessoas idosas. As pessoas idosas precisam se posicionar e ser incisivo para conseguir um lugar de fala. Os mais jovens não respeitam os mais velhos, tratam com arrogância e tentam controlar as nossas atitudes por isso muitas pessoas idosas são fechados e não dão abertura para socializar com os jovens. Um desafio a ser destacado é o de que os jovens busquem essas pessoas idosas que são isoladas e tentem dar mais atenção. As pessoas idosas precisam muito de atenção e muitos jovens não têm tempo para eles. Dificuldade: desrespeito com as pessoas idosas, alguns jovens ignoram as pessoas idosas ou não os ajudam quando eles precisam. Os jovens só querem saber de celular e não dão assunto para os mais velhos. Existe a barreira de idade (os assuntos dos mais jovens são diferentes). Tem muitos jovens que acreditam que velhos não podem ter amigos mais jovens, muitos desfazem das pessoas mais idosas e muitos jovens não gostam das pessoas idosas e faltam com respeito com eles, ignorando quando nós precisamos de ajuda. Os jovens ficam rindo das pessoas idosas, desrespeitando a gente e nos chamando de velho de forma agressiva, ficam falando mal das minhas roupas, dos meus esmaltes, do meu estilo e isso é motivo de piadinhas só por conta da minha idade. Ficam falando que eu não posso sair de casa, não posso usar roupas mais estilosas ou algum esmalte colorido, os jovens sempre criticam nós pessoas idosas. Parecem que esquecem que vão envelhecer algum dia. Mas eu costumo levar isso ou na esportiva ou quando me sinto mal, eu me defendo. A gente costuma ser muito mal visto pelos mais jovens, eles acham muito difícil de lidar com as pessoas idosas, às vezes ficam falando bobagens pra gente e desrespeitando. A discriminação contra as pessoas idosas atrapalha a interação social. Os mais jovens costumam desrespeitar os mais velhos e os mais velhos costumam se retrair ou não se defender. Eu sei que existe preconceito, mas graças a Deus, nunca fui desrespeitada dessas maneiras, pois sempre trato todos com muito amor e simpatia e na maioria das vezes recebo isso por todos. Dificuldade: preconceito com a idade, alguns usam palavras como: 'velha', encostado, não faz nada da vida, os velhos não fazem nada e só ficam andando de ônibus porque não pagam. Há muito desrespeito nesse sentido.



Algumas vezes existe certo preconceito por parte dos mais jovens. Eles fazem brincadeiras chamando de velha e isso incomoda um pouco. Têm muitos jovens que discriminam e não querem ter amizade com as pessoas idosas por conta da idade. Muitos jovens se afastam, pois têm preconceito e acham que dá muito trabalho. Alguns jovens acham que as pessoas idosas estão ultrapassadas, sem utilidade. Normalmente os mais jovens não aceitam que as pessoas idosas sejam livres”.

Experiências negativas relacionadas ao transporte urbano coletivo também são um obstáculo para a interação social de pessoas idosas, tal fato ficou evidente na segunda Ideia Central, resultando no seguinte discurso:

Ideia Central 2: Experiências das pessoas idosas com o transporte coletivo urbano

“Às vezes os motoristas não param nas paradas de ônibus quando observam que só têm pessoas idosas. A discriminação das pessoas com as pessoas idosas, o desrespeito dos motoristas de ônibus, parece que não gostam das pessoas idosas, saem andando com o ônibus antes de as pessoas idosas subir ou descer direito. Ocorre desrespeito dos motoristas de ônibus com as pessoas idosas. A pessoa idosa é invisível! Ninguém liga para as pessoas idosas. Os motoristas de ônibus muitas vezes não param o ônibus quando veem que é alguma pessoa idosa, assim é bem difícil para a pessoa idosa andar de ônibus, os motoristas não tratam bem. O transporte público (que são cheios e às vezes não param para as pessoas idosas) existe o preconceito contra as pessoas idosas, até nos transportes públicos. As pessoas idosas são esquecidas. Não tratam as pessoas idosas bem, os motoristas de ônibus, os mais jovens e alguns familiares maltratam e desrespeitam os mais velhos. Os meios de transporte precário no DF dificultam a interação social de pessoas idosas. Os cobradores e os motoristas dos ônibus têm muita falta de paciência com as pessoas idosas e acabam nos tratando mal”.

A terceira Ideia Central identifica a violação ao atendimento preferencial de pessoas idosas, conforme elaboração a seguir:

Ideia Central 3: Violação do direito ao atendimento preferencial

“Muitas pessoas não respeitam e nem tem paciência com as pessoas idosas nos ônibus, nas filas de mercados, nos hospitais e os jovens não dão o assento preferencial às pessoas idosas. Não tem carinho por eles e não dão um tratamento que eles merecem. Eles não querem dar a preferência, mesmo com o nosso direito de preferência, muitos ainda não respeitam. Existe muita falta de respeito com as pessoas idosas, as pessoas idosas precisam buscar e lutar pelos seus direitos também. Muitos não entendem e não querem respeitar os direitos das pessoas idosas em muitos lugares, como em ônibus e em clínicas hospitalares. Apesar de existir as discriminações contra as pessoas idosas, eu não sofro muito com o preconceito, apesar de já ter presenciado nas filas e nos ônibus, pois existe muita falta de educação. Têm jovens que sentem vergonha das pessoas idosas e não respeitam nas filas, nem nos assentos preferenciais, dentre outros e isso dificulta a nossa interação social”.

Ideia Central 4: Idadismo, violência & preconceito nosso de cada dia.

“Discriminados, taxados de chatos! A população costuma achar que as pessoas idosas são bobas e incapazes. Ainda existem muitas pessoas que têm preconceito com as pessoas idosas. As pessoas não têm mais aquele respeito pelas pessoas idosas. Os obstáculos são muitos, um tipo de preconceito. O preconceito que existe e a rejeição por parte da sociedade é uma dificuldade para a nossa interação social. As pessoas idosas são vistas como inferiores e incapazes pela sociedade. Deveria ter um melhor acolhimento às pessoas idosas. Às vezes as pessoas são grossas com as pessoas idosas. As pessoas não têm paciência com a gente, até mesmo na família. Quando repetimos alguma coisa que já tenhamos falado anteriormente, somos tratados com arrogância”.

ANÁLISE

Os resultados apontam que o idadismo cria barreiras para a interação social de pessoas idosas. A partir da IC 1: idadismo praticado pelos jovens contra seu próprio futuro, foi possível observar que por um lado, a percepção das pessoas idosas é marcada pelo preconceito praticado pelos jovens. Por outro lado, percebe-se também que jovens sofrem preconceito praticado por pessoas idosas, tal fato fica visível na narrativa “A maioria da juventude são insolentes e mal-educados”. Esses preconceitos estão introjetados desde a etapa inicial da vida.

Assim, desde a infância, tanto pessoas idosas, quanto jovens, internalizam o preconceito acerca da velhice (MANFRED, *et. al.*, 2020).

No presente estudo, a prevalência foi de 26, 94% para a violência contra a pessoa idosa praticada como forma de idadismo. O preconceito com a idade é uma dificuldade para a interação na cidade. Assim, pessoas idosas percebem o idadismo conforme narrativa: “Algumas pessoas usam palavras como: 'velha', encostado, não faz nada da vida, os velhos não fazem nada e só ficam andando de ônibus porque não pagam. Há muito desrespeito nesse sentido”.

Em outra perspectiva, observa-se a violência praticada com as pessoas idosas no discurso evidenciado na IC 2 em que às vezes os motoristas não param nas paradas de ônibus quando observam que só têm pessoas idosas e que pessoas idosas se sentem discriminadas e desrespeitadas por motoristas de ônibus que saem andando com o ônibus antes de a pessoa idosa subir ou descer direito, o que poderia inclusive causar o risco de quedas e acidentes.

O *Relatório Mobilidade da Pessoa Idosa* (2019) sobre a qualidade da mobilidade das pessoas idosas pelas ruas e calçadas e no transporte público aponta que quedas dentro dos ônibus ou ao descer dos mesmos, são justificadas pelos pesquisados como irresponsabilidade e desrespeito dos motoristas.

O envelhecimento populacional e a urbanização requerem mudanças nas cidades e a sensibilidade das pessoas. O *Guia Global: cidade amiga da pessoa idosa da Organização Mundial da Saúde* (2008) apresenta que uma das principais preocupações “se refere com o fato de os motoristas não esperarem que as pessoas idosas se sentem antes de retomarem a marcha”. Tal fator vai ao encontro do DSC apresentado na IC 2.

Em algumas cidades, os motoristas de transportes públicos atenciosos são referidos como uma característica amiga das pessoas idosas, facilitando a utilização de transportes públicos. O direito social à utilização do transporte público de qualidade e com segurança é fundamental para a interação social de pessoas idosas e sua participação social para um envelhecimento ativo.

O DSC 3 apresenta uma forma de violação aos direitos da pessoa idosa ao terem o atendimento preferencial cerceado. Ele foca na percepção de pessoas idosas acerca da discriminação sofrida por eles. A violação fica clara na discursividade dessas pessoas idosas ao narrarem que muitas pessoas não respeitam nem tem paciência com as pessoas idosas nos ônibus, nas filas de mercados, nos hospitais, em clínicas hospitalares, não os consideram nas filas e não dão o assento preferencial à pessoa idosa.

No Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa, Lei 10.741/2003, assegura no artigo 39 o direito das pessoas idosas com mais de 65 anos à gratuidade nos transportes públicos coletivos. Além



disso, o parágrafo 2º do mesmo artigo estabelece a reserva de 10% dos assentos nos coletivos, devidamente identificados como preferenciais para pessoas idosas. Essa medida está em conformidade com diretrizes internacionais, como as da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2005, que promovem a criação de ambientes urbanos amigáveis às pessoas idosas.

Entretanto, é relevante salientar que, apesar da existência dessa legislação, a prática de respeitar esse direito e o comportamento de ceder o lugar preferencial às pessoas idosas não são frequentes na realidade do dia a dia. O DSC apresentado evidencia que essa lei não é cumprida integralmente, já que as pessoas idosas frequentemente enfrentam o desrespeito a essa norma em suas vivências cotidianas. Nesse sentido, é crucial promover a educação em direitos da pessoa idosa para crianças e jovens, visando a sensibilização e o respeito às prerrogativas desse grupo da população.

Adicionalmente, o Estatuto da Pessoa Idosa, em seu artigo 22, estabelece a necessidade de incorporar temas gerontológicos nos programas de ensino das diversas etapas da educação formal. Isso tem como objetivo abordar o processo de envelhecimento, promover o respeito e a valorização das pessoas idosas, erradicar o preconceito e disseminar o conhecimento sobre essa temática. É fundamental que pessoas de todas as faixas etárias compreendam as disposições do Estatuto da Pessoa Idosa, pois isso contribui para o desenvolvimento de uma sociedade orientada pelo cuidado e pelo respeito aos direitos da pessoa idosa.

Outra forma de violência sofrida pelas pessoas idosas está contida na 4ª IC - Idadismo, preconceito nosso de cada dia. O idadismo abarca três dimensões: estereótipos, preconceitos e a discriminação. O estereótipo representa como pensamos, preconceito é como sentimos e discriminação, como agimos. Ele se manifesta em três níveis - no institucional⁵, no interpessoal e contra si mesmo - e pode ser ou explícito ou implícito (OPAS, 2022). Ainda nesse sentido, Levy (2022) reforça que a dimensão estrutural do idadismo se refere à discriminação efetivada pelas políticas nas instituições e nas ações das pessoas que trabalham nelas.

Neste estudo, a análise do DSC 4 revelou que as experiências de violência impõem barreiras significativas à interação social das pessoas idosas, frequentemente percebidas como inferiores e incapazes pela sociedade. Isso é um claro exemplo de como o idadismo permeia as

⁵ O idadismo institucional pode se manifestar nas diferentes instituições, como por exemplo, nas que oferecem serviços de atenção à saúde, assistência social, dentre outras. O racionamento de assistência à saúde em função da idade é generalizado. Em 2020, uma revisão sistemática indicou que em 85% (127) de 149 estudos, foi a idade que determinou quem recebeu certos procedimentos médicos ou tratamentos (1). Um estudo de cinco centros médicos nos Estados Unidos examinou de que forma a idade afetou as decisões de médicos que disponibilizaram ou não terapias de sustentação da vida em 9 mil pacientes que tiveram doenças com altas taxas de mortalidade. A probabilidade de os médicos manterem o uso de ventiladores, realizarem cirurgias e fornecerem diálise aos pacientes diminuía na medida em que a idade do paciente aumentava (CHANG *et al.*, 2020).



relações humanas. Esses achados corroboram com uma pesquisa global que identificou que a complexidade inerente ao problema da violência contra idosos está intrinsecamente ligada à prevalência generalizada do idadismo, à falta de conscientização e às incertezas quanto à extensão do problema, bem como à dificuldade em implementar políticas eficazes (MIKTON *et al.*, 2022). Além disso, neste contexto, também observamos a prática do auto-idadismo, em que as próprias pessoas idosas internalizam e aplicam esses estereótipos negativos sobre si mesmas.

As pessoas assimilam o viés com base na idade expressado pela cultura em seu entorno após permanecerem repetidamente expostas a essas ideias preconcebidas, e, então, aplicam estas tendências a si mesmas (OMS, 2022). No caso em questão, percebe-se constantemente o uso do termo “as pessoas idosas” como se as pessoas idosas fossem “os outros” e o próprio emissor do discurso não o fosse.

Nesse sentido, esse ponto chama a atenção, pois ratifica a afirmativa de Simone de Beauvoir (1990) “o velho é o outro”. Na maior parte dos quatro DSC os participantes não falam na primeira pessoa do singular como sendo uma pessoa idosa, mas sim “as pessoas idosas” transmitindo a ideia de que apenas os outros são pessoas idosas.

Nesse mesmo contexto, Haddad (2016) destaca que o Sesc promove a ideia da “melhor idade”. Entre os membros dos grupos de convívio da instituição, observa-se uma particularidade em que a palavra “velho/a” é evitada a ponto de ser considerada uma ofensa. No entanto, é importante ressaltar a diversidade das ações do Sesc nos estados e os aprendizados da instituição acerca do tema do idadismo.

Desde 2020, o Sesc/DF em parceria com a Universidade de Brasília, tem desenvolvido uma campanha de sensibilização ao idadismo e conduzido atividades socioeducativas na temática com o objetivo de estimular as pessoas idosas a aumentarem sua consciência sobre o auto-idadismo e o idadismo nas instituições da cidade. Em todas as unidades, são realizadas atividades que promovem o direito à dignidade do envelhecimento, incentivam a independência e autonomia, reconhecem a heterogeneidade das capacidades intrínsecas de cada pessoa idosa e, ao mesmo tempo, fomentam a cidadania participativa e o fortalecimento da autoestima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos temas perpassaram os DSCs, além da violência do idadismo percebida pelas pessoas idosas participantes desta pesquisa. No entanto, o idadismo, às vezes, é realizado de



maneira velada, destacando que o idadismo não é apenas algo manifestado de forma direta, mas também pode estar presente de forma sistêmica nas interações sociais, o que torna o combate a essa forma de preconceito mais desafiador, pois pode passar despercebido, sendo possível que tais atos ainda não sejam identificados como violência pelas pessoas idosas.

A convivência e o diálogo intergeracional desempenham um papel fundamental na promoção de aprendizados mútuos e na construção de pontes entre as gerações mais jovens e as mais idosas. Essa troca de experiências e conhecimentos não apenas enriquece a compreensão mútua, mas também fortalece os laços familiares e comunitários, fomentando um ambiente de respeito, solidariedade e enriquecimento cultural.

Nesse sentido, a pesquisa traz a possibilidades de problematizar e conhecer melhor a realidade vivida pelas pessoas idosas durante o distanciamento social no período da pandemia de Covid-19 e oferece subsídios para traçar ações e intervenções, pois os resultados do estudo podem fornecer insights para o desenvolvimento de programas sociais ao identificar as principais causas e fatores de risco do isolamento social entre pessoas idosas, permitindo a criação de programas específicos de apoio social e emocional.

No campo da educação e sensibilização, por exemplo, ao utilizar os dados da pesquisa para educar a sociedade sobre os desafios enfrentados pelas pessoas idosas em relação ao isolamento social, reduzem o estigma associado a essa questão. No âmbito do apoio familiar, é essencial educar as famílias sobre os impactos do isolamento social e disponibilizar recursos para apoiar os cuidadores familiares, assegurando que as pessoas idosas e seus familiares/cuidadores recebam o apoio necessário.

Além disso, no contexto do apoio biopsicossocial, essas descobertas da pesquisa são fundamentais para orientar programas de apoio emocional, psicológico e social. Isso permite direcionar recursos para os grupos vulnerabilizados pelas iniquidades sociais e para intervenções comunitárias baseadas em evidências que utilizam os resultados como base para desenvolver atividades que promovam a socialização, tais como grupos de interesse, clubes de leitura, aulas de exercícios e eventos culturais. No âmbito das políticas públicas, essas descobertas também desempenham um papel crucial. Elas influenciam a formulação de políticas que abordam as questões relacionadas ao envelhecimento e ao isolamento social, inclusive direcionando recursos financeiros para áreas específicas.

Pretendemos inspirar novos estudos para promover , a fim de prevenir o idadismo pessoal e estrutural sofrido por pessoas idosas, visando contribuir para o desenvolvimento de ações que



propiciem a ressignificação das velhices por meio da inclusão social de pessoas idosas e da defesa do direito à interação na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Weverton Fernandes Bento. Em nome do cuidado eles cometem a maior violência: a conjugalidade vigiada da pessoa idosa. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 33, n. 2, p.01-21, 2022.

ARAUJO, Pricila Oliveira de, Raniele Araújo de Freitas, Elysangela Dittz Duarte, Lucy Jure Cares, Katiuska Alveal Rodríguez, Viviana Guerra, and Evanilda Souza de Santana Carvalho. 'O Outro' da Pandemia da Covid-19: Ageísmo Contra Pessoas Idosas em Jornais do Brasil e do Chile. **Saúde em Debate** 46.134 (2022): 613-29.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEZERRA, Polyana Caroline de Lima, LIMA Luiz Carlos Ribeiro de, DANTAS Sandro Carvalho. Pandemia da covid-19 e idosos como população de risco: aspectos para educação em saúde. **Cogitare enferm.** 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.73307>.

BEZERRA, Patricia Araújo, SOARES, Suelen de Alencar FRANCO, Simone Bezerra e MOURA, Leides Barroso de Azevedo. "Perfil sociodemográfico e narrativas de pessoas idosas que já viviam a solidão antes da Sindemia do Covid-19." **Revista de Estudos Antiutilitaristas e Poscoloniais** 10.2 (2021): 185.

BRASIL. **Estatuto da pessoa idosa**. Lei n. 10.741/2003. Brasília, 2022.

BUTLER, Robert Neil. Age-ism: Another form of bigotry. **The Gerontologist**, Oxford, v. 9, n. 4, p. 243-246, 1969.

CARVALHO, Alana Nagai Lins de; SILVA, Joilson Pereira da. Sexualidade Das Pessoas Com Deficiência Física: Uma Análise à Luz Da Teoria Das Representações Sociais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 2021, Vol.27.

DIEHL, Manfred, BECCA Levy, HANS-WERNER Wahl, CLEMENS Tesch-Romer, LIAT Ayalon, KLAUS Rothermund, SHEVAUN D Neupert, and ALISON Chasteen. Aging in Times of the COVID-19 Pandemic: Avoiding Ageism and Fostering Intergenerational Solidarity. **The Journals of Gerontology**. Series B, Psychological Sciences and Social Sciences 76.2 (2020): 1-4.

Fundación MAPFRE. **Relatório Mobilidade da Pessoa Idosa**. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/estudos/461/mobilidade-da-pessoa-idosa.html>. Acesso em: 22 out 2022.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. A ideologia da Velhice. 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2016.



ASSIS, D. Trabalho Social com Idosos no Sesc de São Paulo. Realizações e perspectivas. Caderno Terceira Idade, São Paulo: SESC, n. 4, p. 37-39, ago. 1979.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (Org.). **As Representações Sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.

LEFEVRE, Fernando e LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. O sujeito coletivo que fala. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.10, n.20, p.517-24, jul/dez 2006.

LEFEVRE, Fernando, LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti & MARQUES, Maria Cristina da Costa. Discurso do Sujeito Coletivo, Complexidade e Auto-organização. **Ciência & Saude Coletiva** 14.4 (2009): 1193-204.

LEFEVRE, Fernando. **Análise do Discurso do Sujeito Coletivo: limites e possibilidades**. Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, 2021. INCOMPLETO?

LEVY, Becca. **O papel do envelhecimento estrutural nas crenças de idade e na saúde dos idosos**. Departamento de Ciências Sociais e Comportamentais, Yale School of Public Health, 60 College St, New Haven, CT 06520. 2022.

LEVY, Becca. **Quebrando o código da idade: como suas crenças sobre o envelhecimento determinam quanto tempo e bem você vive**. P. 304. Editora: William Morrow, 2022.

MIKTON, Christopher, LAURA Campo-Tena, YONGJIE Yon, MARIE Beaulieu, YUSRA Ribhi Shavar. "**Factors Shaping the Global Political Priority of Addressing Elder Abuse: A Qualitative Policy Analysis.**" *The Lancet. Healthy Longevity* 3.8 (2022): E531-539.

MOSCOVICI, Serge. (1961). **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF.

MOURA, Leides Barroso Azevedo, LEFEVRE, Fernando, MOURA, Valter. Narrativas de violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres. **Ciência & Saude Coletiva** 17.4 (2012): 1025-035.

MOURA, Leides Barroso Azevedo; ALMEIDA, Maria Weila Coêlho. Poesia em tempos de pandemia. In: XXII ENGEMA - Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente, 2020, Sao Paulo. **Anais do XXII Engema**. São Paulo: FEA USP, 2020. v. XXII. p. 1-5.

MOURA, Leides Barroso de Azevedo; MACIEL, Tatiana Frade. Cidade amiga da pessoa idosa: uma utopia para a Brasília metropolitana na década do COVID-19. **Revista do CEAM**, v. 6, n. 1, p. 50-63, 24 ago. 2020.

OLIVEIRA, Larissa Marques. **A coletividade no processo de aprendizagem da criança com síndrome de Down: um estudo de caso**. Monografia, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

OPAS/OMS | ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa sobre Covid-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19> . Acesso em: 19 out 2021.



Organização Mundial da Saúde (OMS). **Guia global: cidade amiga do idoso**. Genebra, 2008. Disponível em: <https://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf?ua=1>. Acesso em: 22 out 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: um projeto de política de saúde**. Madrid: OMS, 2005.

Organização Pan-Americana da Saúde. **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington, D.C.; 2022. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

PANDINI, Ana Lúcia Ramos. **Metanoia: caminho para o desenvolvimento no meio da vida**. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ROMERO, Dalia Elena, MUZY Jéssica, DAMACENA, Giseli Nogueira, SOUZA Nathalia Andrade de, ALMEIDA, Wanessa da Silva de, SZWARCOWALD, Celia Landmann, MALTA, Deborah Carvalho, BARROS, Marilisa Berti de Azevedo, JÚNIOR, Paulo Roberto Borges de Souza, AZEVEDO, Luiz Otávio, GRACIE, Renata, PINA, Maria de Fátima de, LIMA, Margareth Guimarães, MACHADO, Ísis Eloah, GOMES, Crizian Saar, WERNECK, André Oliveira, and SILVA, Danilo Rodrigues Pereira da. Idosos no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. Rio de Janeiro: **Cad. Saúde Pública** 2021; 37(3):e00216620.

VERAS, Peixoto Renato; CALDAS, Celia Pereira. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciências e Saúde coletiva**, v. 9, n. 2, p. 423-432. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/tJz7rRmdQSWVbQCJLH5ZM6g/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 set. 2022.

World Health Organization. **Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID 19**. <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-sopening-remarks-at-the-media-briefing-oncovid-19-11-march-2020>. Acesso em 31 de agosto de 2022.